

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA ?
- FUTURO
18 e 25 de Março de 2024

MAGIC IN THE MOONLIGHT / 2014
(Magia ao Luar)

Um filme de Woody Allen

Realização e Argumento : Woody Allen / Direcção de Fotografia: Darius Khondji / Direcção Artística: Anne Seibel / Guarda-Roupa: Sonia Grande / Som: Darrell R. Smith / Montagem: Alisa Lepselter / Interpretação: Colin Firth (Stanley Crawford), Emma Stone (Sophie Baker), Eileen Atkins (tia Vanessa), Marcia Gay Harden (Sra. Baker), Hamish Linklater (Brice Catledge), Simon McBurney (Howard Burkan), Jacki Weaver (Grace Catledge), Erica Leehrsen (Caroline), Catherine McCormack (Olivia), Jeremy Shamos (George), Lionel Abelanski (médico), etc.

Produção: Dippermouth / Produtores: Letty Aronson, Stephen Tenenbaum e Edward Wilson / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendas em português / Duração: 97 minutos / Estreia em Portugal: 4 de Setembro de 2014.

Os filmes mais recentes de Woody Allen, talvez em reflexo de uma velhice azedada por controvérsias escabrosas e pelo decorrente “cancelamento” (sobretudo nos Estados Unidos, onde os seus filmes praticamente desapareceram da vista, os velhos e os novos), vêm completamente embebidos num fatalismo muito pessimista, onde não há arbítrio das personagens que as salve de serem meros joguetes enredados na teia de um destino que se manifesta através de acasos e coincidências mais fortes do que qualquer premeditação humana. **Coup de Chance**, o seu último filme (feito em França e com actores franceses), num tom de sarcasmo sequíssimo e quase misantrópico, levava esta tendência a um ponto próximo do mais puro cinismo.

Foi só há dez anos, mas no tempo de **Magic in the Moonlight**, se alguns destes elementos já estavam em jogo (e de certa forma, sempre estiveram, mais ou menos mitigados), ainda havia a possibilidade de se encontrar no mundo e na visão do mundo de Woody Allen um pouco mais do que a exposição dos poderes sarcásticos e invioláveis de um destino matematicamente inexorável. A possibilidade da “magia”, digamos, para empregar a terminologia usada no título do filme. Todo o filme repousa neste confronto; de um lado, o positivismo seco, feito de pessimismo probabilístico, da personagem de Colin Firth; do outro, a “magia” e o “lunar” representados pela personagem de Emma Stone, cujos dotes paranormais Firth tem a missão de desmascarar e reduzir a uma objectividade científica (que na pior das hipóteses, significa apenas a exposição de uma fraude). Escusado será dizer, porque isso é todo o nó do filme, inclusive em termos de codificação da “comédia romântica” que é o seu género, que o embate vai abrir brechas no positivismo de Firth, abri-lo à possibilidade de nem tudo ser explicável nem visível a olho nu, nem a paranormalidade nem, evidentemente, o amor. No ciclo Ruiz que temos estado a apresentar exibimos há

semanas um filme, **L'Oeil qui Ment**, onde se diz que “os olhos mentem porque nos convencem de que tudo é apenas realidade”. Por outros caminhos temáticos, e claro, por outro cinema, **Magic in the Moonlight** podia partilhar essa ruiziana epígrafe.

De resto, é um filme de uma enorme bonomia, até eventualmente excessiva de tão confortável que é. Também aqui consiste o paradoxo da obra de Woody Allen nas décadas recentes, a tentação do gelo a coexistir com estes filmes para deixar o espectador “quentinho”. Aqui, isso é também matéria evocativa, como se Woody Allen se lembrasse do cinema americano dos anos 30, desse apogeu da comédia romântica onde ainda era possível alguma inocência no meio da malícia – e nesse sentido, mais uma vez, é a personagem de Emma Stone que representa esse cinema, sendo Firth, no fundo, um típico espectador contemporâneo, em absoluto défice de crença. História de uma conversão, portanto: apesar de tudo, ainda é no cinema que a *magia ao luar* tem mais hipóteses de se verificar.

Luís Miguel Oliveira